



O MAGISTÉRIO DAS SUAS VIAGENS

No sentir apostólico de Mestra Tecla ficaram gravadas as viagens ao exterior, com início em 1936 e término em 1963: quatorze longas viagens por terra, mar e ar. Se as primeiras viagens trazem a conotação do espanto e da surpresa, as seguintes lhe imprimem sempre mais no coração o sentido da salvação vivido até o sofrimento. Escrevia das Filipinas, em 1949:

Agrada-me, desta vez, chamar a atenção de todas sobre um pensamento que me impressionou nesta viagem: quantas almas existem no mundo que não conhecem e não amam o Senhor. É preciso sair um pouco da nossa "concha" para convencer-nos dessa triste realidade!... Quando se lê as estatísticas: tantos milhões de homens... é fácil dizer. Mas vê-los, mesmo que de passagem em sua terra, como fizemos, ver naquelas cidades um formigueiro de gente... que impressão! Nós, chamadas a um apostolado tão grande, que abraça o mundo, devemos sentir a necessidade de ajudar todos esses irmãos, também eles filhos de Deus, devemos fazer-lhes o bem, contribuir com sua salvação: com a oração e com o apostolado. Devemos, como dizemos na coroazinha a Rainha dos Apóstolos, «sentir as necessidades da pobre humanidade»: de toda a Ásia, da África, das Américas, da Oceania, da Europa... Gostaria que todas as Filhas de São Paulo sentissem esse amor às almas.

Esse aperto no coração se transforma em responsabilidade e em tomada de consciência de que «o mundo todo é para nós campo de apostolado. Devemos amar a todos, para fazer o bem a todos» (VPC 153).

Nas suas viagens ela reflete e se enriquece em contato com as várias culturas. Ao regressar, comunica quanto *aprendeu* porque, diz, sempre é possível aprender algo novo, às vezes uma simples ideia que, no tempo oportuno, poderá amadurecer e se tornar ação de apostolado (cfr. VPC 38, 39, 45, 126).

Gostava de falar dos vários países: costumes, hábitos, clima, belezas naturais. Mas sublinhava com grande sofrimento as grandes misérias morais. Dizia: «Se aquela multidão pudesse conhecer o Senhor!». E concluía com convicção, dando um suspiro profundo: «E, no entanto, devemos fazê-los conhecer! ... Oh, se fosse possível imprimir irmãs como se imprime livros!».

Sua última viagem ao Oriente, em 1962, foi motivo de muita alegria, mas também de sofrimento. Alegria, porque constatava o desenvolvimento da Congregação. E sofrimento, porque compreendia as necessidades da Igreja e a impossibilidade de chegar rápido a todos.

No entanto, em Taipei ela anotava em sua agenda pessoal: «Que pena ver esta pobre gente sacrificada, tendo de trabalhar na água... Quase a totalidade se compõe de pagãos ou budistas. Senhor, piedade dessa gente, que não te conhece, não te ama». Poucos dias depois, em Nagoia (Japão) continua a mesma oração: «Quantas almas ainda não te conhecem, ó meu Deus! Que pena! Manda muitas vocações para que te tornem conhecido e amado».

Esta "pena" pelas almas que não amam a Deus e não o conhecem foi o movente que a levou a infundir um grande espírito apostólico em todas as irmãs.

Eis uma de suas últimas decisões, reveladoras do seu espírito missionário: no mês de outubro de 1963, estava para ser aberta uma casa na Bolívia. A dúvida, porém, era esta: como desenvolver o apostolado das edições em uma nação onde a maioria das pessoas era analfabeta. Havia essa incerteza. A Primeira Mestra eliminou qualquer questionamento e colocou ponto final às dúvidas:

Se a maioria das pessoas não sabe ler, faremos o bem através das imagens e dos discos. Mas também ali é necessário abrir um centro de apostolado. Também ali é necessário tornar o Senhor conhecido. Também na Bolívia é preciso, de alguma forma, divulgar o Evangelho!